

## **Memórias do cárcere: relações entre a posição do intelectual e a forma literária**

Doutorando Marcio Fonseca Pereira<sup>1</sup> (UFRJ)

**Resumo:** O presente ensaio busca discutir uma das características centrais da obra de Graciliano Ramos reiterada pela crítica: o pessimismo. Partindo da visão de Antonio Candido a respeito do assunto, encontrada em seu ensaio *Ficção e confissão*, nosso ensaio deseja mostrar um viés alternativo, porém não diametralmente oposto ao do crítico, para a análise das *Memórias do cárcere*, em que a ideia de pessimismo seja matizada em favor do estudo das contradições da posição do escritor enquanto intelectual.

**Palavras-chave:** pessimismo, intelectual

### **Introdução**

Importantes críticos literários brasileiros são concordantes em definir a obra de Graciliano Ramos a partir do que consideram o seu traço mais visível: o pessimismo. Antonio Candido o entende como traço herdado pelo Graciliano ainda criança, Otto Maria Carpeaux, como uma visão existencial, filosoficamente negativa do mundo, Silviano Santiago, por sua vez, o vê a partir de uma repressão dos sentimentos, analisada em sentido freudiano. Isso para ficarmos com apenas três dos críticos mais importantes.

Ao que nos interessa para o presente texto, mais especificamente centrado na autobiografia *Memórias do cárcere*, tomamos por referência principal o ensaio *Ficção e confissão*, de Antonio Candido que, em nosso entendimento, propõe um ponto de vista dialético que permite e até prevê o encaminhamento da discussão em outras direções, na medida em que percebe a literatura do escritor alagoano como povoada de dualidades aparentemente paradoxais, cujos pólos acabam se combinando de modo complementar, revelando uma rica e contraditória visão de mundo. Uma mesa-redonda, organizada por José Carlos Garbuglio na década de 80, também entra na discussão e serve como primeira matização da ideia de pessimismo, deixando aberto o caminho para um viés alternativo e complementar.

### **O pessimismo como marca fundamental da escrita**

Em *Ficção e confissão*, a propósito da trajetória literária de Graciliano, Antonio Candido resalta que a certa altura ocorre uma mudança, correspondendo à passagem da “necessidade de inventar... à necessidade de depor”, fator que teria levado o escritor a abandonar o romance em favor da autobiografia de modo natural, podendo assim manter “visões igualmente válidas da vida e do mundo” (CANDIDO, 2006. p.103).

Na perspectiva de Antonio Candido, desde o início da carreira como romancista, já estaria contido em Graciliano o desejo de testemunhar sobre si mesmo, o que seria marcado pela projeção de seus problemas pessoais nos personagens, de modo que o resultado literário seria a deformação artística de si mesmo. O crítico atribui, em grande medida, essa deformação ao resultado de um processo que viria da infância do escritor, período que, como sabemos, foi marcado pela solidão e pela dificuldade de relacionamento com os pais, mais especificamente com o pai, que costumava usar o cinturão em suas punições injustas (o que vem relatado em *Infância*, a primeira de suas duas autobiografias), criando no ainda muito jovem Graciliano o sentimento duro da injustiça, que seria depois projetado nas demais relações sociais como sua marca fundamental.

Essa condição seria responsável por uma visão “pessimista” e “sórdida” dos homens, o que, no entanto, não impediria a possibilidade de aproximação solidária entre eles por intermédio da oposição comum aos valores instituídos pelo poder, essencialmente contrários à liberdade do homem. Nesse sentido, o escritor teria desenvolvido de maneira muito aguda o sentimento de que a norma é o mal e que somente o afastamento dela poderia de algum modo restituir certa humanidade

aos indivíduos.

Com base nessa conjunção de fatores, a visão estabelecida na escrita de Graciliano seria a de uma evolução com sentido cada vez mais agudo dos problemas humanos tratados. Sendo assim, cada obra representaria uma experiência de vida distinta, daí o escritor não se repetir formalmente a cada livro.

Na interpretação de *Memórias do cárcere*, por sua vez, o crítico ressalta o afastamento definitivo do viés da criação e a concentração no puro depoimento. O crítico entende as *Memórias* como o relato de experiências que, em alguma extensão, contrariavam as expectativas do escritor, como, por exemplo, a inesperada solidariedade entre os homens, verificada na vida subterrânea da prisão. Nesse sentido, seu pessimismo se chocava com a nova realidade, formando uma visão de mundo mais complexa e permitia aflorar o sentimento de solidariedade no próprio escritor.

Na visão de Antonio Candido, o grande peso atribuído à personalidade do escritor é responsável, em última instância, por sua visão política. Assim é que atribui ao escritor o sentimento de insatisfação diante das iniquidades a uma posição formada antes de qualquer adesão ao comunismo. Com isso, a ligação ideológica com o comunismo se faria como atitude natural, simples prolongamento de sua visão de mundo, e não como atitude baseada em sectarismo político. Com isso, “um desajuste essencial” seria o responsável pela necessidade de protesto bem como de autoavaliação que observamos com especial intensidade nas *Memórias do cárcere*.

Essa concepção de Antonio Candido sobre a obra de Graciliano é marcada pela influência de visões derivadas em grande medida de teorias de base psicológica ou psicossocial visto que atribui a realização e os trajetos da obra literária aos aspectos da personalidade do escritor, o que possibilita um entendimento importante sobre características gerais, portanto unificadoras, do modo peculiar do escritor alagoano fazer literatura. Além disso, ilumina aspectos contraditórios da vida do escritor, ajudando a afastar qualquer visão simplista que o reduza a homem totalmente endurecido pela vida, pois apresenta sua visão crítica do mundo como resultado de uma rica experiência e, principalmente, como seu modo pessoal de nele se inserir e nele resistir ao existente. O ensaio de Antonio Candido consegue, desse modo, ir muito além de sua intenção panorâmica aprofundando-se em análise cuidadosa, além de levantar diversas questões importantes para estudos posteriores.

Essa mesma visão da obra de Graciliano é conformada dentro de uma metodologia analítica que tem por base o ensaísmo dos anos 30, em especial o de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, com suas dualidades organizadas a partir de aspectos ligados à nossa formação histórica, como as oposições Mundo novo/velha civilização, método/improviso, trabalho/aventura, norma impessoal/aspecto afetivo etc. É daí que Antonio Candido descobre nas linhas de Graciliano as componentes de controle (equilíbrio) e desvario (desequilíbrio). A primeira apareceria no estilo conciso e sem apelo ao sentimentalismo, a segunda estaria ligada às emoções perceptíveis em diversos graus dentre os diferentes personagens. Em *Caetés*, seu primeiro romance, as emoções estariam fortemente sublimadas devido à intenção do escritor em forjar seu estilo; em *São Bernardo*, já ocorreria certa revelação emotiva por parte de Paulo Honório, no entanto, sublimada pela impossibilidade de mudança efetiva por parte do protagonista àquela altura da vida; em *Angústia* (último dos romances em primeira pessoa), o desvario finalmente transbordaria, mas guiado pelo estilo que poria ordem ao caos dos sentimentos do protagonista Luís da Silva.

Partindo do ponto de vista adotado por Antonio Candido, pode-se relacionar essa crescente expansão do desvario com o próprio incremento da “necessidade de depor”, até o ponto em que seria necessária uma obra como *Memórias do cárcere* para dar vazão à expressividade não mais ajustável aos moldes apertados do romance. Esse tipo de observação está de acordo com o aspecto psicológico marcado da análise de nosso crítico e de algum modo vai na esteira da ligação homem/obra por ele cuidadosamente apresentada.

Por outro lado, a dialética de Antonio Candido em *Ficção e confissão*, ao aproveitar a polaridade exposta em *Raízes do Brasil*, deixa de contemplar (ou pouco aproveita) justamente o que no ensaio sociológico é essencial: o caráter histórico-social do tema abordado. Mesmo quando o crítico chega a mencionar a ligação entre a “atitude política” e a arte de Graciliano, o argumento

envereda por uma visão mais geral da personalidade de Graciliano, de modo que quando o foco são as *Memórias do cárcere*, o período em que o escritor ficou preso não é mencionado, ficando a análise apoiada na dialética dos fatores pessimismo/solidariedade: o primeiro, marca de toda a obra do escritor; o segundo, compensação do primeiro, e que se torna possível pelo inusitado da situação extrema, que permite ao homem Graciliano agir de modo diferente do habitual.

Tomando por base essa pouca presença do caráter histórico-social na análise da obra, a própria ideia de pessimismo (atribuída à visão de mundo de Graciliano em repetidas passagens de *Ficção e confissão*), ficando mais presa aos aspectos imutáveis da personalidade do escritor, torna-se parcialmente elucidativa por não considerar as novas realidades históricas e pessoais como fatores igualmente determinantes da *forma* literária, o que solicita visões complementares, principalmente no caso da análise específica de uma obra autobiográfica como as *Memórias do cárcere*.

Ainda sobre o pessimismo na obra de Graciliano Ramos, Antonio Candido, já na década de 80 – em mesa-redonda organizada por José Carlos Garbuglio, da qual também participaram Alfredo Bosi, Silviano Santiago, entre outros – reforça seu argumento sobre o escritor alagoano. O crítico afirma que Graciliano inconscientemente fez parte de um processo no qual a literatura da década de 30 esteve inserida (“processo cultural um pouco caótico, mas extremamente generoso; um processo cultural que radicalizou muito o pensamento, não do Brasil em geral, mas da classe média brasileira.”), visto não ter assumido claramente um programa, ao contrário de outros escritores, o que não o impediu de pertencer ao mesmo contexto geral de radicalização, com o qual estavam especialmente envolvidos os romancistas do Nordeste. Com isso, foi capaz de mostrar sem dogmatismo “uma imagem dura da realidade segundo um padrão formal duradouro”, a qual, segundo o crítico, correspondia ao pessimismo do escritor na vida e na literatura (GARBUGLIO, 1987. p.426).

Em sua exposição, Antonio Candido, mantendo a ideia central de pessimismo da crítica anterior (*Ficção e confissão*), traz o argumento para o lado do “processo cultural”, afirmando que Graciliano, dentro do conjunto de escritores que se preocupavam em dar *status* de dignidade ao homem simples, era o mais bem sucedido exatamente por não se render ao populismo de uma aproximação mais fácil, como fizeram José Lins do Rego e Jorge Amado, que adotaram uma linguagem que fazia concessão à rusticidade da fala popular. Percebe-se então que o argumento atinge o campo da relação não só das classes sociais (classe média e os pobres), mas se dirige ao específico da condição cultural, em que a consciência de Graciliano sobre sua posição de intelectual (apesar de sabermos que ele frequentemente a denegava) tinha peso decisivo na maneira como dispunha da linguagem em seus escritos.

Estas novas considerações de Antonio Candido – mais historicamente fundamentadas – não fazem com que abandone a visão anterior. Contudo, permitem vislumbrar novas possibilidades analíticas que, no entanto, ficariam a cargo de outros críticos, pois o que mais interessa a Antonio Candido na literatura de Graciliano é entender como o escritor transforma em linguagem níveis de perscrutação cada vez mais severos sobre as razões profundas dos atos do indivíduo.

### **Um viés alternativo em *Memórias do cárcere*: matizando o pessimismo a partir da análise da posição do intelectual**

Segundo Antonio Candido, no caso específico das *Memórias do cárcere*, o pessimismo em face do mundo, já encontrado no ficcionista, não é sobrepujado, mas sim complementado pela “solidariedade participante” do homem Graciliano, de modo que o resultado complexo, de posições aparentemente inconciliáveis é a unificação de pessimismo e imparcialidade, condenação e confiança nos homens. Nesse sentido, a amargura observada pelo crítico estaria ligada menos a uma “negação essencial” do homem que à permanente desconfiança das regras e valores impostos pela sociedade.

Partindo da observação dessa dialética, o crítico compreende as *Memórias do cárcere* como uma obra em que o prisioneiro é um homem “cheio de violência” e com “largos claros de abulia”. Com isso, o tema central das *Memórias* seria a “oposição ao mundo, a resistência interior” (CANDIDO, 2006. p.89).

Essa abordagem crítica percebe as *Memórias* como o lugar onde a representação da atitude reativa de negação do Graciliano-prisioneiro tem a primazia na narrativa, e com essa leitura, não são explorados certos aspectos, como por exemplo, a posição de intelectual, ora atenuada ora afirmada por Graciliano e que nos parece conter uma argumentação em certa medida oposta a um pessimismo, por assim dizer, completo. Com efeito, uma faceta que consideramos importante nas *Memórias do cárcere* trata do modo como Graciliano se vê em relação aos indivíduos de classes sociais mais baixas bem como em relação a outros de classes mais elevadas, nas quais se encontram profissionais liberais e intelectuais. Em meio a indivíduos tão diferentes, Graciliano busca perceber em si mesmo traços que o aproximam ora de um lado, ora de outro. Uma passagem que relata seus pensamentos em meio a uma partida de *poker* no Pavilhão dos Primários dá a clara medida da dificuldade que encontra para definir sua posição:

A delicadeza obsequiosa e o desinteresse ostensivo do homem rico marcavam-me a inferioridade social. Sentia-me deslocado na cela estreita, os modos corteses feriam-me, atenciosas manifestações de condescendência. Aliás não me sentiria à vontade em nenhum lugar, foi o pensamento que me ocorreu naqueles dias. Usava roupa e linguagem de burguês, à primeira vista não nos distinguíamos; o mais simples exame, porém, revelaria entre nós diferença enorme. Também me distanciava dos operários; se tentasse negar isto, cairia na parlapatice demagógica. Achava-me fora das classes, num grupo vacilante e sem caráter, sempre a subir e a descer degraus, a topar obstáculos. (RAMOS, 2008. p.346)

Ao longo das *Memórias* essa dificuldade aparece em grande medida ligada à já mencionada posição contraditória de intelectual, acentuada pelo fato de o escritor se encontrar sempre em dúvida quanto às suas “armas fracas e de papel” e, no entanto, ser capaz de afirmar – como em seu pequeno ensaio *Os sapateiros da literatura* – que suas armas “são armas insignificantes, mas são armas”.

Desde o início das *Memórias* a questão do fazer literário já se impõe como um problema importante, o qual tomará corpo a partir de suas comparações com seu personagem Luís da Silva, de *Angústia*. No romance, o momento em que Luís da Silva, após ter assassinado Julião Tavares, aguarda que o venham prender é um exemplo interessante dessa relação entre o criador e a criatura:

Porque não me vinham buscar os miseráveis da polícia? Porque faziam comigo aquela brincadeira de gato com rato? Eu os acompanharia, mostraria a roupa rasgada, os fios da gravata no monturo, falaria do cigarro oferecido pelo vagabundo. Porque não vinham logo? Muitos anos nas redes sujas, nas esteiras de pipiri. Escreveria um livro. A idéia do livro aparecia com regularidade. Tentei afastá-la, porque realmente era absurdo escrever um livro numa rede, numa esteira, nas pedras cobertas de lama, pus, escarro e sangue. (RAMOS, 1986a. p.223)

Até a obsessão pela escrita é a mesma que Graciliano viria a relatar a propósito de sua prisão, em comparação explícita com seu personagem:

O meu protagonista se enleara nesta obsessão: escrever um romance além das grades úmidas e pretas. Convenci-me de que isto seria fácil: enquanto os homens de roupa zebreada compusessem botões de punho e caixinhas de tartaruga, eu ficaria largas horas em silêncio, a consultar dicionários, riscando linhas, metendo entrelinhas nos papéis datilografados por d. Jeni. Deixar-me iam concluir a tarefa? Afinal a minha pretensão não era tão absurda quanto parece. Indivíduos tímidos, preguiçosos, inquietos, de vontade fraca habituam-se ao cárcere. (RAMOS, 2008. p.24-25)

Portanto, esta tentativa vã de se convencer da facilidade de escrever na prisão revela a vontade talvez inconsciente de superar as limitações de seu personagem (que muito tinha dele próprio) o que, no entanto, não seria totalmente possível, dadas certas semelhanças profundas entre os dois e as dificuldades reais que o Graciliano-prisioneiro iria enfrentar na mudança de ambiente.

Já na prisão em quartel do Recife, e diante de situações inusitadas, a questão do fazer literário retorna com um questionamento mais profundo, que envolve sua própria possibilidade numa vida futura, pós-cárcere. Ali Graciliano, surpreso com a oferta de empréstimo do “excelente Capitão Lobo”, se põe a pensar nos duros golpes que suas crenças e preconceitos arraigados começavam a receber, o que se repetirá ao longo das *Memórias*, simbolizada pela recorrente sensação de “murro na cabeça”:

Uma proposição insensata encaixada em diálogo curto. Apenas. Conseguiria, porém, desembaraçar-me dela, misturá-la às amofinações da cadeia, aos toques de corneta e à vigília da sentinela, recuperar depois de solto, os pequenos tédios e as pequenas alegrias, completamente livre? Não. Decerto não me libertaria de todo. Já ali começava a sentir uma nova prisão, mais séria que a outra, a confundir-me terrivelmente as idéias. Não imaginara poder testemunhar semelhante ação. Pessimismo? De forma nenhuma. Não supunha os homens bons nem maus: julgava-os sofríveis, pouco mais ou menos razoáveis, naturalmente escravos dos seus interesses. Sem dúvida: uma razão miúda, variável com as circunstâncias e o egoísmo natural: dormir, comer, amar, reproduzir-se; um pouco acima disto, avaliar quadros e livros, inspirar respeito, mandar. (RAMOS, 2008. p.90)

Aqui ocorre, como é comum em todo o texto, a contraposição entre novas e velhas posições. Se antes Graciliano colocava questões ligadas à arte “um pouco acima” das necessidades básicas, o surpreendente acontecimento mexe de algum modo com essas considerações antigas e o leva a olhar a condição do intelectual com mais distanciamento.

Temos assim, o indício de uma posição oscilante, que irá se repetir com autoquestionamentos cada vez mais sérios ao longo da obra, na qual o escritor irá se despir diante do leitor sem ser leviano e sem demonstrar vaidade.

Com isso, o narrador desconfiará sempre da força do escritor para logo em seguida reafirmá-la, num movimento que caracterizará as *Memórias* como o lugar privilegiado para a discussão sobre o intelectual que escreve e, desse modo, os altos e baixos da posição de intelectual irão repor na forma do texto a luta do escritor pela preservação de sua dignidade.

## Conclusão

Se por um lado, como afirmou Alfredo Bosi, as críticas de Graciliano a boa parte da esquerda brasileira nas *Memórias* não vem acompanhadas de “propostas de curto prazo” (BOSI, 2002. p.223), por outro lado não podemos esquecer que o escritor tinha absoluto cuidado em não se deixar levar por qualquer otimismo fácil.

No lugar das propostas entra a contínua reposição do tema do escritor em sua relação com o fazer literário, consigo mesmo e com os demais. E esta é sua ética, sua maneira peculiar de intervenção e oposição ao pessimismo.

### **Referências Bibliográficas**

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.221-237.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

GARBUGLIO, José. Mesa-redonda. In: \_\_\_\_\_. *Graciliano Ramos. Coleção Escritores Brasileiros: Antologia & Estudos*. São Paulo: Editora Ática, 1987, p.417-454.

HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *Caetés*. 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *Memórias do cárcere*. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. Os sapateiros da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986, p.187-188.

\_\_\_\_\_. *São Bernardo*. 47 ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

---

<sup>i</sup>**Marcio Fonseca Pereira, Doutorando**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Departamento de Ciência da literatura  
marcioprainha@ig.com.br